



## JUVENTUDE DO MEIO RURAL: ESPECIFICIDADES CULTURAIS E RELAÇÃO COM A ESCOLA

Inaiara Alves Rolim<sup>1</sup>

Edna Souza Moreira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo teve como objetivo refletir sobre como a proposta pedagógica das escolas do campo dialoga, ou não, com as especificidades da cultura dos jovens do campo. No percurso da investigação objetivou-se também compreender os sentidos e significados que os jovens atribuem à escola e à educação e como acontecem as relações entre eles mesmos e entre os jovens e os professores no contexto escola. Para o desenvolvimento dessa discussão optou-se pela abordagem qualitativa de pesquisa, do tipo pesquisa-ação e para obtenção dos dados foram utilizadas a entrevista semi estruturada, a observação direta, a análise documental e realização de oficina. Os participantes da pesquisa foram a direção, os professores e 20 alunos dos turnos vespertino e noturno de uma escola de Ensino Médio localizada em uma comunidade rural de Bom Jesus da Lapa/BA. A pesquisa evidenciou que a proposta pedagógica da escola do campo ainda tem se pautado num referencial urbano civilizatório, visto que não contempla a cultura e os saberes dos sujeitos do meio rural, assim como, não conta com políticas públicas educacionais desenvolvidas segundo as especificidades socioculturais do povo camponês. Processo que tem afetado significativamente a Juventude do meio rural.

**Palavras-chave:** Juventude Rural. Cultura Juvenil. Escola do Campo.

### Introdução

O interesse desse estudo centra-se nas práticas dos jovens do meio rural no que diz respeito ao trabalho, lazer, religiosidade, relacionamentos, estilos, relação com a escola, enfim, busca conhecer como os jovens do meio rural vivem e se relacionam com seu meio. Para compreender a juventude, ou juventudes do meio rural, no âmbito escolar, faz-se necessário entender como acontece, ou não, o diálogo entre o cotidiano escolar e os elementos da cultura juvenil. Os elementos culturais próprios dos jovens são fundamentais na constituição da condição juvenil dos alunos e apresenta dimensões várias que são construídas a partir do contexto social e cultural do qual o jovem faz parte. A condição juvenil é construída, portanto, por meio das experiências e na interação com seus pares em seu grupo social, conferindo certas particularidades em suas vivências; é um momento que apresenta, também, algumas tensões e incertezas entre presente e futuro. Segundo Dayrell (2007, p. 1108), a condição juvenil “refere-

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Coordenação de Educação do Campo no município de Serra do Ramalho/BA. E-mail: inaiararolim@gmail.com.

<sup>2</sup> Dr<sup>a</sup> em Educação, conhecimento e Inclusão Social- UFMG, Prof.<sup>a</sup> da UNEB Campus XVII, Bom Jesus da Lapa. E-Mail: esmoreira@uneb.br.



se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. [...] às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação”.

Este trabalho faz uma reflexão a respeito de como a escola do meio rural por meio de sua proposta curricular dialoga com os elementos da cultura juvenil dos jovens desse local, visto que o ambiente escolar é um espaço de socialização de grande significância e importância na vida dos jovens. Ao adentrar os muros da escola o jovem carrega consigo uma gama de experiências sociais construídas em tempos e espaços variados no contato com pessoas diversas, fato que lhe confere determinada condição juvenil. No entanto, na escola o jovem depara-se com um sistema normativo que não reconhece suas particularidades de pensamento, de atitudes, de vestir-se, enfim, de posicionar-se diante do mundo. Este estudo foi desenvolvido com a participação de jovens alunos e professores de uma escola de Ensino Médio da comunidade rural Projeto Formoso, município de Bom Jesus da Lapa, objetivando identificar os elementos da cultura juvenil dos jovens da escola do meio rural e como se manifestam no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que analisa o papel da escola no processo de socialização dos jovens.

### **Caminhos trilhados**

Para a construção dessa reflexão a pesquisa seguiu os princípios da abordagem qualitativa, tendo em vista que a pesquisa no âmbito da educação requer uma análise diferenciada, pautada no universo simbólico dos sujeitos. Segundo Minayo (1994, p.21-22), a pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (...). Amplia a compreensão e interpretação do fenômeno estudado.

Desse modo, o tipo de pesquisa adotado foi a pesquisa-ação. Thiollent e Colette (2014, p. 212), apontam que “a ação educacional a ser estudada e estimulada pela pesquisa-ação deve contribuir para transformar processos, mentalidades, habilidades e promover situações de interação entre professores, alunos e membros do meio social circundante”. A pesquisa-ação nasce, então, da necessidade de entender e propor uma transformação para uma dada realidade ou problema. E para obtenção dos dados foram utilizadas a entrevista semi estruturada, a observação direta, a análise documental e realização de oficina. Levando em conta a ética e

preservação da identidade dos sujeitos, estes instrumentos possibilitaram uma aproximação com o mundo simbólico dos jovens e conhecer tanto sua visão de mundo, de escola, quanto sua relação com os professores e como são acolhidos pela escola em suas especificidades culturais.

O lócus da investigação foi uma escola de Ensino Médio no campo, situada na Vila do Setor 33, na comunidade Projeto Formoso A, município de Bom Jesus da Lapa/BA. O espaço de investigação foi a escola situada na comunidade acima citada, com cerca de 183 alunos matriculados no Ensino Médio, sendo 89 alunos no turno vespertino e 94 alunos no noturno. A escola pesquisada possui, ainda, um anexo no Setor 14, com 57 alunos matriculados e funciona no turno noturno em uma escola do campo de Bom Jesus da Lapa, resultado da parceria entre município e estado.

### **A Educação do Campo**

Ao refletir sobre a Educação do Campo nos deparamos com uma realidade ainda carente de ressignificação, chegando muitas vezes a ser caótica. Historicamente, a realidade educacional brasileira do meio rural foi relegada a segundo plano pelos governos, contribuindo para a exclusão dos estudantes do campo do acesso a uma educação de qualidade e inserida em seu local de vivência; ainda não é assegurado ao aluno do meio rural o acesso e permanência na escola desse espaço, fazendo com que a Educação do Campo fosse construída por meio um longo percurso de lutas e discussões no seio dos movimentos sociais, das entidades, das representações civis, sociais e dos sujeitos do campo. Durante décadas a educação dos povos do meio rural foi pensada apenas como instrumentalizadora da mão de obra, caracterizando-se como uma educação bancária, capitalista e voltada para a fixação do homem no meio rural. Era comum a ideia de que as pessoas da “roça” não necessitavam de uma educação para além da leitura e escrita. Com relação ao modelo educacional levado para o campo Arroyo (2004, p. 71), coloca que aparentemente “na política, nos governos é que para a escolinha rural qualquer coisa serve. Para mexer com enxada não há necessidade de muitas letras. [...] A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler ensina alguém a não saber a quase ler”.

Os movimentos sociais tem empreendido, ao longo do tempo, uma luta enérgica que reivindica junto ao poder público um modelo educacional que seja construído com a participação do camponês, que vá ao encontro das especificidades do meio rural, e não uma educação para o povo do campo, importada de outros espaços que em nada se relaciona com



essa realidade. Isso lança uma reflexão sobre o modo como está sendo desenvolvido o processo de ensino e aprendizagem nas escolas camponesas: se temos uma prática educacional para o empoderamento do sujeito, construção de sua autonomia, ou uma prática que visa meramente à escolarização e reprodução de conhecimentos. Nesse cenário, ao buscar uma educação que tem como ponto central o homem do campo, que agregue as características específicas desse meio, os movimentos envolvidos na luta por uma educação básica do homem do meio rural, objetivavam alcançar uma educação de qualidade, que valoriza os saberes, a cultura, os valores e as crenças dos sujeitos desse espaço, que se configura, mesmo depois de tantas conquistas, como um espaço abandonado pelo poder público. Nesse contexto, Antunes-Rocha (2011, p. 40), afirma que “a escola do campo demandada pelos movimentos sociais [...] é um projeto de escola que se articula com os projetos sociais e econômicos do campo, que cria conexão direta entre formação e produção, entre educação e compromisso político”.

A legitimação de uma educação do povo camponês envolve um amplo processo que consiste na luta pela valorização e afirmação da cultura e da identidade dessa população, tendo na educação um meio para alcançar novos horizontes e caminhos mais amplos. “Uma escola que, em seus processos de ensino e aprendizagem, considera o universo cultural e as formas próprias de aprendizagem dos povos do campo, que reconhece e legitima estes saberes construídos a partir de suas experiências de vida.[...]”, (ANTUNES-ROCHA, 2011, p. 40). Isso partindo de um projeto pedagógico feito pelo e com os sujeitos do campo, respeitando todas as suas vivências e sua história; busca-se situar a educação escolar dentro da dinâmica da realidade histórica e social do homem do meio rural. A educação desse meio, portanto, caracteriza-se como produto de uma complexa e significativa rede de saberes passados de geração para geração; não mais uma educação para constar nos autos ou garantir votos. Nesse sentido, Caldart (2004, p. 13), mostra que precisamos pensar em uma “educação do campo e não mais educação rural ou educação para o meio rural. [...] a educação do campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo [...]”.

Nesse contexto, a educação do campo exige um modelo educacional que viabilize processos formativos para a vida e para o mundo do trabalho, que forme sujeitos conscientes de seus direitos, de seu papel na sociedade e no mundo e que tenham orgulho de sua cultura e identidade; uma educação que contemple o homem do campo em sua diversidade. Um dos pontos centrais dessa temática refere-se à juventude do meio rural e os elementos culturais construídos pela mesma em suas experiências diárias, com seus objetivos, os desafios e as



esperanças. O que traz outra preocupação na construção de uma educação verdadeiramente do campo: estabelecer um diálogo entre o cotidiano escolar, por meio de sua prática pedagógica e a pluralidade da juventude, que diante da sua diversidade atual passa a ser compreendida como juventudes, visto que há situações diversas vivenciadas pelos sujeitos plurais nessa fase da vida e que estão inseridos em contextos sócio-culturais diferenciados. Essa realidade constitui-se um desafio para a escola e pede estratégias que promovam uma relação efetiva entre juventude e escola para que esta possa cumprir com sua função: a formação de sujeitos autônomos, habilitados a atuar sobre sua realidade a partir dos conhecimentos construídos em sua trajetória estudantil.

### **Aos poucos a escola ganha vida**

A chegada do transporte escolar marca o início de mais um dia de aula. O burburinho de vozes indica que a escola vai, aos poucos, ganhando vida. Em instantes os jovens que moram próximo à escola começam a chegar e preencher o espaço escolar com a agitação característica dos jovens. Ao chegarem cada aluno dirige-se à sua sala e coloca as mochilas nos lugares habituais em que gostam de se sentarem; alguns preferem ficar na sala usando o celular, outros ficam no portão conversando e observando a chegada dos colegas ou sentam-se no pátio em pequenos grupos.

A escola fica localizada em uma rua que faz confluência com a praça da vila, local onde muitos jovens aguardam a abertura do portão da escola. Com alguns quiosques e lanchonetes em volta, a praça é um espaço que os jovens alunos utilizam para encontrar-se com os amigos, para usar celular e esperar a chegada dos colegas que moram longe da escola. A entrada dos estudantes na escola constitui um ritual cotidiano, onde dia após dia repetem-se os gestos, falas, sentimentos, paqueras, ou simplesmente o enfado de quem ver tudo isso como um passatempo. Enquanto o portão não é fechado, os jovens rapazes e moças vão chegando aos poucos, uns em pequenos grupos, outros sozinhos. E apesar de ser algo que se repete diariamente, a entrada dos jovens na escola nunca é igual, há sempre uma atitude ou outra que modifica esse ritual, às vezes um olhar de esguelha ao colega, que sugere algo, comentários, sorrisos, uns de mãos dadas, outras vezes um casal de namorados que se beija sem importar-se com os colegas que observam. E assim, diariamente a escola é preenchida por jovens com realidades diferentes, com problemas, com angústias, com diferentes estilos de vestirem-se, predominando o jeans e



tênis; jovens com sonhos e expectativas com relação ao seu futuro e que enxergam a escola como um meio para realizar seus desejos, outros, entretanto, apenas para passar o tempo.

A escola é pequena e pintada de marrom e branca, que lhe confere uma aparência fria, possui uma única entrada e é cercada por residências. Ao passarem por um curto corredor, onde fica afixado um mural, os alunos têm uma visão geral de toda a escola: à sua esquerda o pátio, a sala de livros e a cantina, à sua frente o bebedouro e a secretária e à sua direita os banheiros e as salas de aula. O espaço escolar é claramente pequeno, delimitado para a efervescência da juventude; com suas paredes contendo apenas avisos, horários e cronogramas sugere a entrada do jovem em outro mundo, onde precisam adotar uma nova postura e desempenhar determinados papéis, condizentes com o mundo escolar e que nada têm em comum com os papéis vivenciados no mundo além dos muros escolares.

Um sinal estridente indica o início das aulas e os alunos dirigem-se às suas respectivas salas. Entretanto, isso não significa que as conversas, as risadas, as trocas de pirraças, as paqueras estão suspensas; mesmo com a entrada do professor na sala os jovens não se contêm, uns usam celular, outros olham o professor com aparente atenção, enquanto o colega ao lado ouve o professor, mas seu olhar distante indica que sua mente está longe dali. Durante as três primeiras aulas os professores se revezam entre as turmas e cada um reage de maneira diferente diante das atitudes dos jovens, uns brigam ou gritam, outros ignoram e alguns tentam chamar a atenção dos mesmos, mas de maneira afável.

Novamente ouve-se o sino estridente, indicando que é chegada a hora do lanche. Com euforia os jovens encaminham-se para a fila onde as merendeiras os esperam com o lanche; é visível o prazer dos estudantes, visto que sempre perguntam na primeira aula se ‘hoje tem lanche’. Eles pegam o alimento e ocupam os espaços da escola, vão para as cadeiras no palco, para a sala ou ficam sentados na frente das salas; sozinhos com o celular (se é que na modernidade podemos considerar estar sozinho) ou em pequenos grupos os jovens manifestam sua cultura, sua postura diante do mundo e sua relação com os outros e com a escola. Nesses momentos eles se divertem, sorriem de maneira plena e interage com o próximo a partir dos elementos culturais que os aproxima.

Mais uma vez ouve-se o sino. É hora de voltar para a sala e assistir a mais duas aulas antes de ir embora. Os estudantes entregam os copos ou pratos da merenda e encaminham-se para as salas, alguns demonstram cansaço, outros enfado, uns poucos caminham sorrindo e outros tantos adentram a sala pedindo para a professora liberar a turma. Cada jovem age de



maneira diversa, segundo suas concepções de mundo, visão da escola e da educação. De acordo com Dayrell (1996, p. 8), a escola “é essencialmente um espaço coletivo, de relações grupais. O pátio, os corredores, a sala de aula materializam a convivência rotineira de pessoas”.

Assim, o espaço da sala de aula é também lugar de encontros e de agrupar-se segundo as afinidades; é comum o grupo dos ‘sabe tudo’, na linguagem juvenil, sentados à frente, o grupo das patricinhas, ao fundo o grupo da bagunça, dos ‘conversadores’, mas também é comum alunos que não pertencem a grupo algum, uns sentam-se quietos, só observando os colegas interagindo pouco, ou nada, outros transitam por todos sem fixar-se em território nenhum. As atitudes dos jovens traduzem sua visão da realidade produzidas na interação com seu grupo social, no seu ambiente cultural e suas necessidades e perspectivas individuais. Uma coisa é certa: é impossível separar o ser aluno do ser jovem.

Por fim, toca o tão esperado sinal; aquele que indica a hora da partida, da ida para casa. Os jovens saem eufóricos das salas de aula; nesses últimos minutos na escola reafirmam compromissos, despedem-se, marcam encontros, combinam atividades. Cada um encaminha-se para a saída escola de maneira diferente da que entrou na escola. Quem mora na vila sai caminhando lentamente em direção à sua residência; os que usam moto como transporte saem, muitas vezes, em disparada, sentindo o vento da liberdade no rosto; os jovens que utilizam o transporte escolar ficam na esquina da escola esperando ônibus passar. Em grupos ou sozinhos, uns mais calmos, outros mais agitados, todos saem da escola na expectativa do que fará na rua ou em casa. Aos poucos a escola vai esvaziando-se daquela euforia contagiante dos jovens; e quando não tem nem mais um aluno a escola dá seu último suspiro do dia, fecha suas portas para acordar no dia seguinte.

### **Quem são os jovens que chegam à escola**

A escola do ensino médio da comunidade Projeto Formoso ‘A’ possui 188 alunos matriculados, sendo 96 alunos estudam no turno vespertino e 92 alunos estudam no turno noturno. A escola possui também um anexo no Projeto Formoso A, funcionando no turno noturno em uma escola do município localizada no Setor 14. A faixa etária dos alunos da escola sede varia entre 14 anos e 36 anos de idade. O fato de um dos participantes estar com 36 anos de idade, que de acordo com o Estatuto da Juventude não se enquadra na categoria juventude; entretanto, esse sujeito mostrou interesse em participar da pesquisa e a investigadora aceitou

sua participação devido à convivência com os jovens da escola pesquisada. Isso revela que há uma parcela de alunos com distorção entre idade e série que estão terminando o Ensino Médio. Os alunos da escola pesquisada moram no Projeto Formoso “H”, nos lotes de plantação, Projeto Formoso “A”, nos lotes e na Vila do Setor 33 e do Setor 4, e Juazeiro, comunidade localizada próxima ao Projeto Formoso “A”. Para chegar até a escola os alunos que moram nos lotes, na Vila do Setor 4 e no Juazeiro utilizam o transporte escolar e moto; os que moram na Vila do Setor 33, não precisam de transporte, pois a escola fica situada nessa vila.

Para construir o perfil dos jovens estudantes que participaram da pesquisa este estudo partiu dos seguintes questionamentos: O que é ser jovem na visão dos sujeitos da escola do ensino médio? Quais os elementos da cultura juvenil desses jovens? As experiências e práticas dos jovens não são homogêneas, variam de pessoa para pessoa, sofrendo influência do contexto e do tempo; do mesmo modo, varia de acordo com a classe social, o gênero, a etnia e o lugar onde vive. Enfim, a juventude é uma fase da vida do sujeito marcada por mudanças significativas no corpo, nas atitudes, nas relações com a família e na sociedade, na forma de enxergar o mundo. De acordo com Leão e Carmo (2014, p. 22), nessa etapa da vida, portanto, “os jovens passam a ampliar seu campo de ação para além de algumas instituições, especialmente a família”.

Nessa perspectiva, a constituição da juventude está ligada às transformações sociais, que lhe coloca os jovens diante de novas possibilidades e desafios a todo instante, onde cada jovem constrói seu conceito de juventude segundo suas experiências sociais e realidade na qual está inserido. Os jovens alunos que participaram da pesquisa expressaram da seguinte forma sua visão a respeito da concepção de ser jovem

Ser jovem é pensar em mil e uma coisas que poderia fazer, mas não faz porque não pode; é amadurecer e ser criança ao mesmo tempo; é ver o tempo passar, é ver coisas ruins acontecerem e coisas boas também; é mudar de repente e até mesmo se estranhar, (Aluna D).

Ser jovem é ser uma pessoa de idade entre 15 e 30 anos, mais ou menos. Ou apenas se considerar jovem, como é caso de minha mãe. Ser jovem é arrumar uma namorada, trabalhar, ser mais responsável, (Aluno N).

O posicionamento dos jovens reforça a ideia de que o conceito de juventude e a cultura juvenil são construídos segundo suas referências familiares e no convívio com seu grupo social; também ficou evidente que os jovens associam essa fase da vida não apenas à diversão, mas também ao trabalho e à aquisição de responsabilidades. Essa realidade relaciona a constituição

da cultura juvenil, em alguns casos, à questão financeira, pois a inserção dos jovens da classe trabalhadora no mercado formal ou informal de trabalho acontece muito cedo. Esses jovens, na maioria das vezes, precisam ajudar a família e tem no trabalho um meio para garantir não apenas a sobrevivência, assim, como, adquirir os meios para viver sua condição juvenil. Essa situação, segundo Frigoto (2009, p. 25) é, portanto, “muito diversa da dos jovens de “classe média” ou filhos dos donos de meios de produção, que estendem a infância e juventude”.

Nesse contexto, com relação ao trabalho a pesquisa evidenciou que os alunos trabalham nos lotes de cultivo de banana e outras frutas, alguns com a família e outros como empregados na área empresarial, nas cargas de banana como embaladores de banana, nas plantações de mamão, em pequenos comércios da vila e como domésticos. Os alunos do turno noturno trabalham em período integral, o que causa cansaço e faltas frequentes nas aulas. Ao tratar a respeito desta esfera da vida juvenil observa-se que há uma inserção precoce dos jovens no mundo do trabalho, marcada por baixos rendimentos financeiros, trabalho em excesso e sem carteira assinada. É comum os alunos chegarem atrasados para as aulas no turno noturno devido ao fato de as cargas de banana terminarem depois das 18:00 hs; para remediar a situação a escola criou uma carteirinha que autoriza os alunos a entrarem na segunda aula. A respeito do trabalho que desenvolvem na comunidade os alunos se posicionam assim

A gente trabalha muito e ganha pouco e ainda por cima nem dão valor ao nosso serviço; eu também não gosto do meu trabalho não; por isso estudo e me dedico para arrumar um trabalho melhor e que seja mais valorizado, (Aluno E).

Eu não gosto muito do meu trabalho; se eu pudesse trocar eu trocaria. Por que é muito cansativo e muito estressante, (Aluno, F).

Na fala do Aluno E percebemos que a escola representa um papel importante na vida do jovem aluno, nos projetos para o futuro a escola constitui-se como meio para alcançar um futuro melhor, com um trabalho mais digno e valorizado pela sociedade. Com relação ao posicionamento do aluno F podemos visualizar que o cansaço e estresse provocados pelo trabalho pesado podem influenciar negativamente na escola, exigindo desta, estratégias metodológicas que vá ao encontro das necessidades do jovem aluno trabalhador para que não abandone os estudos.

Os aspectos de ordem econômica assumem grande importância no mundo juvenil por estar relacionados com a qualidade de vida dos jovens. De acordo com Dayrell (2009, p.18), “no Brasil [...], para grande parcela dos jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque



trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo”. Entretanto, esse fato não pressupõe o abandono da escola, mas exerce forte influência no percurso escolar do jovem. Isso foi evidenciado durante a pesquisa, ao observar que mesmo chegando tarde do trabalho os jovens alunos não deixam de ir à escola, mesmo chegando atrasados. Assim, seja como espaço de sociabilidade, de interação com o outro, seja como meio para alcançar um futuro melhor, a escola assume papel importante na vida dos jovens alunos.

No que concerne ao lazer, a pesquisa evidenciou que os jovens da escola se divertem de maneiras diversas e o fato de residirem no campo não constitui obstáculo à diversão. É certo que no meio rural os jovens encontram limites para viverem sua condição juvenil, mas independente do lugar onde estiver “eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante delas, possuem desejos e propostas de melhorias de vida”, (DAYRELL, 2009, p. 19). Desse modo, ainda de acordo com Dayrell (2009, p. 19), formas de expressão como

A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para trocar ideias, ouvir “um som”, para dançar, dentre outras diferentes formas de lazer. Mas também tem se ampliado o número daqueles que se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças.

Nesse sentido, no curso das experiências desses jovens o universo simbólico e sua linguagem expressiva é instrumento para comunicar-se com seus pares, posicionar-se diante da realidade e de si mesmos e atuar na sociedade. O mundo da cultura com suas produções, práticas e símbolos torna-se, portanto, espaço ideal para a construção de uma identidade juvenil e constituição de uma cultura juvenil, que se manifesta de maneira diversa. A respeito de suas práticas e atividades de lazer, os jovens responderam

Para me divertir jogo futebol, assisto futebol na TV, falo sobre futebol, desenho, canto, danço e estudo, estudo muito, pesquiso, descubro e principalmente me desenvolvo. Me sinto mais inteligente, além de amar desvendar enigmas, (Aluna D.)

Entro em redes sociais, como o facebook e whatsapp, jogo futebol na quadra e no campo e também jogo videogame na lan house, (Aluno L).

Minha diversão é conversar com minhas amigas, reunir com a família e participar das reuniões da minha igreja e mexer nas redes sociais, (Aluna M).

Por meio das falas dos alunos percebemos que suas práticas culturais são diversas, mas é comum a todos a interação com amigos, com outros que partilham dos mesmos gostos e



interesses. Segundo Dayrell (2009, p. 20), é preciso enfatizar “que as práticas culturais juvenis não são homogêneas e se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico”. De acordo com os elementos culturais que cada jovem agrega às suas vivências e práticas é comum identificarmos diferentes agrupamentos de jovens em um mesmo espaço, e a escola é um ambiente que propicia o encontro entre jovens que compartilham dos mesmos estilos de música, de vestir-se, de dança e de tantas outras práticas inerentes ao universo juvenil. As falas dos alunos demonstram também que as redes sociais, nos últimos anos, têm assumido um lugar importante no processo de compartilhamento e absorção de práticas culturais. Por meio das redes sociais as distâncias são encurtadas e amplia-se a dimensão simbólica do mundo dos jovens, o que faz parte do processo de construção da condição juvenil no contexto das transformações socioculturais ocorridas ao longo das últimas décadas.

No que concerne ao relacionamento dos jovens com a escola e do lugar desta em suas vidas, a pesquisa evidenciou que os jovens relacionam a escola com seus projetos para o futuro, visto que associam o ensino formal à conquista de uma vida melhor e de um bom emprego. Sobre o significado da escola e de sua importância em suas vidas os jovens alunos se expressaram assim

Para mim a escola é muito importante porque aprendemos várias coisas e nos ensina a conhecer mais a vida, o mundo. Sem estudo tudo fica mais difícil. A escola nos educa e nos prepara para fazermos um curso, uma faculdade e para conseguirmos um emprego melhor e ajudar a família. Também, fazemos amizades, conhecemos pessoas novas e nos divertimos, (Aluna P).

Percebemos a centralidade da escola na vida dos estudantes, mas esta não se resume apenas a um espaço de escolarização, ao contrário, é também lugar de troca de experiências, de constituição de amizades, de socialização (elemento que será discutido mais adiante). Entretanto, mesmo tendo um lugar central no cotidiano do jovem aluno, é necessário considerar que os jovens estão inseridos em outros espaços educativos e que chegam à escola com uma diversidade cultural que precisa ser levada em conta no contexto escolar. Sendo importante dar atenção aos desejos, expectativas e ao mundo simbólico dos jovens alunos, considerando ainda que o que motiva esses alunos a frequentarem a escola é a necessidade de concluir a escolarização básica para poderem, posteriormente, arrumar um emprego ou cursar uma faculdade e adquirir uma profissão. Segundo Leão e Carmo (2014, p. 28),



As relações dos jovens com a escola são complexas, pois vão além do horizonte cognitivo ou normativo [...] Na ótica dos jovens, entram em jogo suas esperanças e frustrações, suas relações e construção de identidade. Eles têm grandes expectativas quanto ao impacto da escolarização nos planos futuros, muitas vezes, na forma de sonhos e projetos pouco elaborados.

Isso coloca a escola diante de um desafio: uma reorganização curricular que conceba o jovem aluno em toda a sua diversidade sociocultural, estabelecendo uma relação efetiva com os elementos culturais e os conhecimentos prévios do mesmo. É esperado da instituição escolar que desenvolva um trabalho de acordo com as características da juventude, ou das juventudes, moderna; exige-se um trabalho pedagógico pensado para alunos reais, pois “é comum ouvirmos que os alunos não são mais os mesmos”, (SPOSITO; GALVÃO, 2004, p. 353). E se a escola reconhece que os alunos não são mais os mesmos, espera-se que o planejamento escolar acompanhe as transformações sociais e se adeque às novas demandas que se impõe de acordo com cada contexto e realidade, reconhecendo que os jovens alunos possuem elementos culturais próprios que precisam ser valorizados no cotidiano escolar.

## **O LUGAR DA ESCOLA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DOS JOVENS**

O processo de socialização acontece no cerne das relações entre os sujeitos e é imprescindível para o desenvolvimento do ser, pois é nesse processo que as necessidades são satisfeitas e a cultura é assimilada. A socialização tem início com o nascimento e prolonga-se ao longo de toda a vida do sujeito. Com relação ao processo de socialização dos jovens em particular, nas últimas décadas é possível identificar uma transformação significativa nesse processo, pois a constituição das relações sociais dos jovens sofrem influências decorrentes do avanço da tecnologia, dos meios de comunicação, da velocidade da transmissão de informações, das novas configurações familiares, dentre outros.

Nesse contexto, a escola tem papel significativo na solidificação do processo de socialização. Sendo importante para o desenvolvimento do sujeito, a escola assume papel determinante no processo de formação pessoal e na construção de aspectos da identidade dos jovens. É na escola que os jovens tomam contato com as diferentes formas de aprendizagem, com princípios éticos e morais, que constituem a sociedade, assim como, estabelecem relações de troca de experiências, demonstram maneiras de ser, estar e pertencer ao mundo. Também, é no espaço escolar que os jovens manifestam suas expectativas e perspectiva com relação ao

futuro, suas dúvidas, inseguranças, desejos, necessidades e sua potencialidade e criatividade. Nesse cenário, o cotidiano escolar, por meio da prática pedagógica, do currículo e das relações que aí se constituem não apenas atua na transmissão do saber formal, mas também em esferas da vida do jovem como nas relações afetivas, no desenvolvimento de habilidades de participação social e de comunicação, identidade sexual e de condutas identitária e esperadas pelo contexto social. Assim, há a necessidade de que a escola seja entendida para além da transmissão de conhecimentos científicos, mas ao contrário precisa ser vista também como espaço sócio-cultural. Na visão de Dayrell (1996, p. 1), significa “compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, (...) enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história”.

Conceber a escola como espaço sócio-cultural implica, portanto, “resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição”, (DAYRELL, 1996,p.1); apreendê-la como uma construção social e no seu fazer cotidiano, um espaço onde os sujeitos não podem ser vistos como agentes passivos diante do sistema organizacional escolar. Entretanto, ao longo do tempo vem sendo construída a visão de que os sujeitos da escola são os professores e alunos, onde um ensina e o outro aprende. Mas sabemos que ambos são muito mais que isso; são sujeitos históricos e constituídos a partir das relações sociais, das suas experiências e de seus conhecimentos construídos socialmente. A instituição escolar tal como conhecemos hoje, com o quadro afixado na parte central da sala, a mesa do professor, as filas de carteiras ordenadamente, um professor à frente da turma que direciona os exercícios e os alunos que seguem as instruções transmitidas por ele, é resultado de uma construção social de longos séculos. Ao longo do tempo esse formato de escola se consolidou e hoje a cultura escolar que vivenciamos, com seus tempos bem delineados, a organização de seu espaço, os métodos de ensino centrado no professor e um currículo que prioriza os conteúdos, parece natural. No entanto, esse sistema tem demonstrado algumas falhas, pois os jovens alunos da atualidade demonstram sérias dificuldades em adaptar-se à rigidez e normatização desse tipo de escola. Isso porque, segundo Leão e Carmo (2014, p. 25),

Esse modelo exige que o aluno esteja fixo em sua carteira, obediente aos comandos dados pelo professor de acordo com o seu planejamento. Quando pode participar, o jovem aluno deve se engajar em tarefas que são predeterminadas sem nenhuma ou pouca autonomia. Muitas vezes, espera-se dele apenas disciplina e respeito à rotina escolar. Além disso, como os tempos e espaços escolares são muito fragmentados, restam poucas possibilidades



para reconhecer e incorporar as diversidades juvenis na vida escolar. Nessa escola, sobra pouco espaço para a interação e o debate em torno de temas que interessam aos jovens.

No contexto desse modelo de escola quase não sobra espaço para a sociabilidade, para momentos de interação e diálogo fora do confinamento da sala de aula. Portanto, sobra pouco espaço para a inserção dos elementos da cultura juvenil no cotidiano escolar. A respeito da deficiência da escola em desenvolver uma metodologia que propicie diálogo e espaço de sociabilidade a Diretora da escola coloca que os jovens “são sujeitos que precisam ser ouvidos, respeitados em suas necessidades, formados como pessoas ricas culturalmente [...]”.

O depoimento da diretora reforça o papel da escola como importante espaço de socialização dos jovens, que muitas vezes, no caso dos alunos do meio rural, é o único espaço de encontro dos amigos, de troca de experiências; o que exige uma reconfiguração nas formas de gerir a escola, de construir o currículo e na prática pedagógica. Essa centralidade da escola na socialização dos jovens do meio rural ficou evidente com a organização do “Arraiá Raízes do Campo”, festa para comemoração do São João na escola. Nas duas semanas que antecederam a festa, algumas atividades foram distribuídas entre os alunos; no começo alguns se manifestaram dizendo que não iam participar, mas à medida que os dias passaram eles foram se envolvendo e passaram a demonstrar mais interesse e envolvimento. Esse momento possibilitou perceber que mais que um ambiente de aprendizagem formal, a escola do meio rural configura-se como espaço de socialização, de encontro com os amigos. Compreendemos a partir dessa experiência que os jovens alunos são ativos, capazes de produzir e criativos, necessitando apenas que o ambiente escolar proporcione espaços para que manifestem suas potencialidades e conhecimentos. De acordo com Leão e Carmo (2014, p. 35), as interações “coletivas proporcionadas pelas práticas de sociabilidade apresentam potencialidades que podem ser incentivadas na escola. Atividades interativas, estímulo ao diálogo, à organização autônoma e à produção coletiva podem fazer parte do cotidiano escolar”.

A união entre o ser jovem e o ser aluno no contexto escolar contribui para a consolidação de aprendizagens e das relações entre os sujeitos, pois o processo educativo engloba sujeitos concretos, possuidores de valores, saberes e experiências construídas e vivenciadas no seu grupo social, com suas práticas e visão de mundo. É papel da escola estabelecer uma interação entre as atribuições do ser estudante e os elementos que constituem a identidade e a cultura dos jovens. Nesse momento, a escola adquire caráter de território dos alunos, um local que é uma

extensão de seu meio social, um espaço que é seu por direito, e que além de um espaço onde aprendem novos saberes é espaço de construção de identidade cultural, de socialização, de troca de experiências com seus pares. De acordo com Leão e Carmo (2014, p. 35-36), “a escola é lugar de aprender. Então, é importante compreender como os jovens aprendem. (...) nos interessa apenas notar que os jovens demandam da escola conhecimentos que lhes sejam importantes para a vida”.

Nesse contexto, quando a escola realiza atividades dinâmicas, que propiciam a participação dos jovens, a interação com os colegas, exercício da criatividade e de seus conhecimentos, ela passa a ter outro sentido para os jovens; isso contribui para que os jovens alunos passem a ter mais interesse pela escola e se constitui uma ferramenta para que os professores repensem suas metodologias, adotando estratégias que tratem de assuntos conectados com os interesses e necessidades dos jovens. “As posturas, atitudes e críticas expressas à escola denunciam, em muitos casos, a falta de sentido dos currículos e métodos de ensino”, (LEÃO E CARMO, 2014, p. 35-36)., Nessa perspectiva, o professor tem uma função importante: “fazer a mediação entre ser aluno e ser jovem”, (LEÃO; CARMO; 2014 p. 37). E dessa mediação resulta a qualidade da relação que os jovens estabelecem com a escola.

Assim, “educar, nesse cenário, nos pede uma maior inserção no universo juvenil: estar próximos dos jovens e aprender a ouvi-los, mapear suas potencialidades e estabelecer relações interpessoais mais significativas”, (LEÃO; CARMO; 2014, p., 37). Portanto, a escola e os professores podem contribuir para que os jovens encontrem sentido no ambiente escolar e na sala de aula se a organização curricular contemplar os elementos culturais dos jovens e valorize os processos de socialização e manifestação de sua cultura dentro dos muros da escola, ao mesmo tempo em que a prática pedagógica dos professores é baseada no diálogo, no conhecimento da trajetória e necessidades de cada jovem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa pesquisa evidenciou que a instituição escolar é um espaço fundamental na vida do jovem do meio rural; é um local de convivência, encontro e aprendizagens, onde os jovens passam uma parte significativa do seu tempo e é onde constroem amizades, compartilham experiências, valores, saberes, projetos de vida e expressam sua visão de mundo. A despeito das dificuldades vivenciadas pela escola pública frente ao descaso dos governantes com a educação das classes populares, os jovens têm a expectativa de que o Ensino Médio pode

favorecer seu futuro, contribuindo com a realização de cursos, ingresso em faculdades e inserção no mundo do trabalho. Expectativas que variam de acordo com a pluralidade de experiências e sentidos atribuídos pelos jovens ao Ensino Médio.

Nesse contexto, a presente pesquisa mostrou que o Ensino Médio é uma etapa da escolaridade que recebe uma gama de sujeitos com peculiaridades que precisam ser levadas em conta no cotidiano das práticas educativas no contexto escolar. E essa realidade confere à escola a função de atuar como suporte na solução de questionamentos como Quem sou eu? O que eu posso ser no futuro? Como alcançar o que eu quero? O que devo fazer para me preparar para realizar meu projeto de vida? Do mesmo modo, a juventude que constitui a escola exige que a mesma, por meio da prática pedagógica e da organização da rotina escolar, auxilie os jovens alunos reflitam criticamente sobre sua realidade e sobre ela atuar, construir sua autonomia, construir saberes e desenvolver as habilidades necessárias para ingressar no mundo do trabalho.

Isso exige uma reconfiguração do Ensino Médio, pois as demandas da juventude exigem um modelo educacional articulado com as peculiaridades e necessidades educacionais dessa categoria. Isso exige que a cultura dos jovens seja considerada como território educativo, garantindo ao jovem aluno o direito de ser jovem e aluno ao mesmo tempo no âmbito do contexto escolar. Assim, é evidente que não se pode adotar uma proposta educativa homogeneizante, com tempos bem determinados, regras e espaços rígidos, numa perspectiva de educação disciplinadora, onde prioriza a formação moral e conteudista sobre a formação ética e cidadã; ao contrário, o trabalho com jovens deve ser pautado na dinamicidade, na flexibilidade e fluidez, respeitando as identidades plurais, as experiências e o conhecimento de mundo dos jovens sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Aracy Alves. (organizadoras). **Educação do Campo: desafios para a formação de professores**. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. – (Coleção Caminhos da Educação do campo, 1).

ARROYO, M. G. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

CALDART, R. S. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da Educação do Campo**. Trabalho Necessário. Ano 2. Número 2. 2004.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sócio-cultural.** Disponível em:

<https://ensinosociologia.milharal.org/.../Dayrell-1996-Escola-espaco-socio-cultural.pdf>:

Acesso em: 10. Julh. 2018.

\_\_\_\_\_ **A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.**

Educação e Sociedade. Vol. 28, n. 100 – especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em

<http://www.cedes.unicamp.br>

\_\_\_\_\_. **Uma diversidade de sujeitos.** O aluno do ensino médio: o jovem desconhecido. In: BRASIL. **Juventude e escolarização:** os sentidos do Ensino Médio. Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação. Ano XIX boletim 18 - Novembro/2009.

FRIGOTO, G. Expectativas Juvenis e identidades do Ensino Médio. Ensino Médio no Brasil: “Juventudes” com futuro interrompido. In: BRASIL. **Juventude e escolarização:** os sentidos do Ensino Médio. Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação. Ano XIX boletim 18 - Novembro/2009.

LEÃO, G.; CARMO, H. C. do. Os jovens e a escola. In: CORREA, L. M.; ALVES, M. Z.; MAIA, C. L. (orgs.). **Cadernos temáticos** : juventude brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 24ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, Izabel. **A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens:** o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 2, jul./ dez. 2004. Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/cienciassociais/system/files/anexos/Minicurso%20-%20Ensino%20M%C3%A9dio%20-%20Texto%201.pdf>.

THIOLLENT, M. J. M.; COLETTE, M. M. **Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade.** *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences* Maringá, v. 36, n. 2, p. 207-216, July-Dec., 2014.